



o sol e a lua

Santo Tirso

No murmurar das águas...

Terras de S. Rosendo

Maria José Meireles

Ilustrações de
Avelino Leite









Santo Tirso – No murmurar das águas... Terras de S. Rosendo

Texto: Maria José Meireles

Ilustrações: Avelino Leite

Capa e paginação: Menta Design

© CAMPO DAS LETRAS, EDITORES, S.A., 2007
Edifício Mota Galiza, Rua Júlio Dinis, 247-6.º E1 4050-324 Porto
Telef.: 226080870 Fax: 226080880
Site: www.campo-letras.pt
Email: campo.letras@mail.telepac.pt

Impressão: Eigal, Indústria Gráfica, S.A.
1.ª edição: Outubro de 2007
Depósito legal: 265264/07
ISBN: 978-989-625-206-9

Colecção: O Sol e a Lua – 54
Código do livro: 1.24.054

A edição deste livro tem o apoio



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

Santo Tirso

No murmurar das águas...

Terras de S. Rosendo

Maria José Meireles

Ilustrações de
Avelino Leite





A Boa Nova espalhou-se rapidamente...

O Arcanjo S. Miguel anunciara à Condessa Ilduara que iria ter um filho para glória de toda a Hispânia!

E tudo se passou no cume do Monte Córdova na Igreja de S. Salvador.
Que maravilha!

Houve até quem O visse voar, tão brilhantes eram as suas asas!

E o monte encheu-se de luz, a chuva e o frio deram lugar ao calor do Sol!

Era Fevereiro, mais parecia Verão...

As flores silvestres e as trepadeiras cresceram... O odor da terra correu perfumado...

As cotovias cantaram a beleza da vida nos altos céus... As crianças brincaram felizes nas margens do rio Ave...

E a formosa Condessa Ilduara voltou a ter Esperança...

Era Fevereiro, mais parecia Verão...

– Que linda é a nossa Condessa!

– Parece uma Santa!

– A todos conforta!

– Em suas mãos há sempre afagos, bálsamos para nos curar e pão!





Nesse dia de Fevereiro de 907, ano da Era de Cristo, viram-na descer o Monte Córdova com um novo e resplandecente olhar.

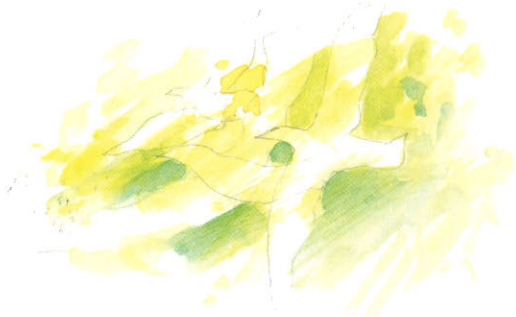
– Um filho... Um filho... – murmurava muito emocionada.

Como em sonhos, guardou as palavras do Anjo:

– Alegra-te, Ilduara! As tuas preces foram ouvidas por Deus! Darás à luz um filho ilustre para glória de toda a Hispânia! Mas, toma atenção, tem de ser concebido dentro em breve...

O seu coração conhecia esse filho. Iria espalhar o Bem para alívio das dores, da fome e da guerra. Entregá-lo-ia ao serviço dos homens, o mesmo que dizer a Deus.

Para receber a graça do seu nascimento, iniciara um longo período de penitência e oração.



Durante o rigoroso Inverno, sem atender ao frio, chuvas e fortes temporais, deixara o conforto do seu Paço torreado da *villa* de Salas, uma enorme herdade cerca do rio Ave.

E, por veredas escorregadias e pedregosas, chegava sozinha ao cume do Monte Córdova com os pés a sangrar.

Nada a distraía.

Salvo a beleza dos vastos espaços de montes e montes azulados, esbatendo-se em névoas até ao mar...

Ou as neblinas de prata do sinuoso rio Ave onde imaginava o brilho do Céu...

Ainda muito jovem, vinda do Norte da Galiza, chegara à *villa* de Salas já casada com o Conde Guterre Mendes, filho primogénito do primeiro conde de Coimbra, Hermenegildo Guterres, que a conquistou aos mouros em 878.

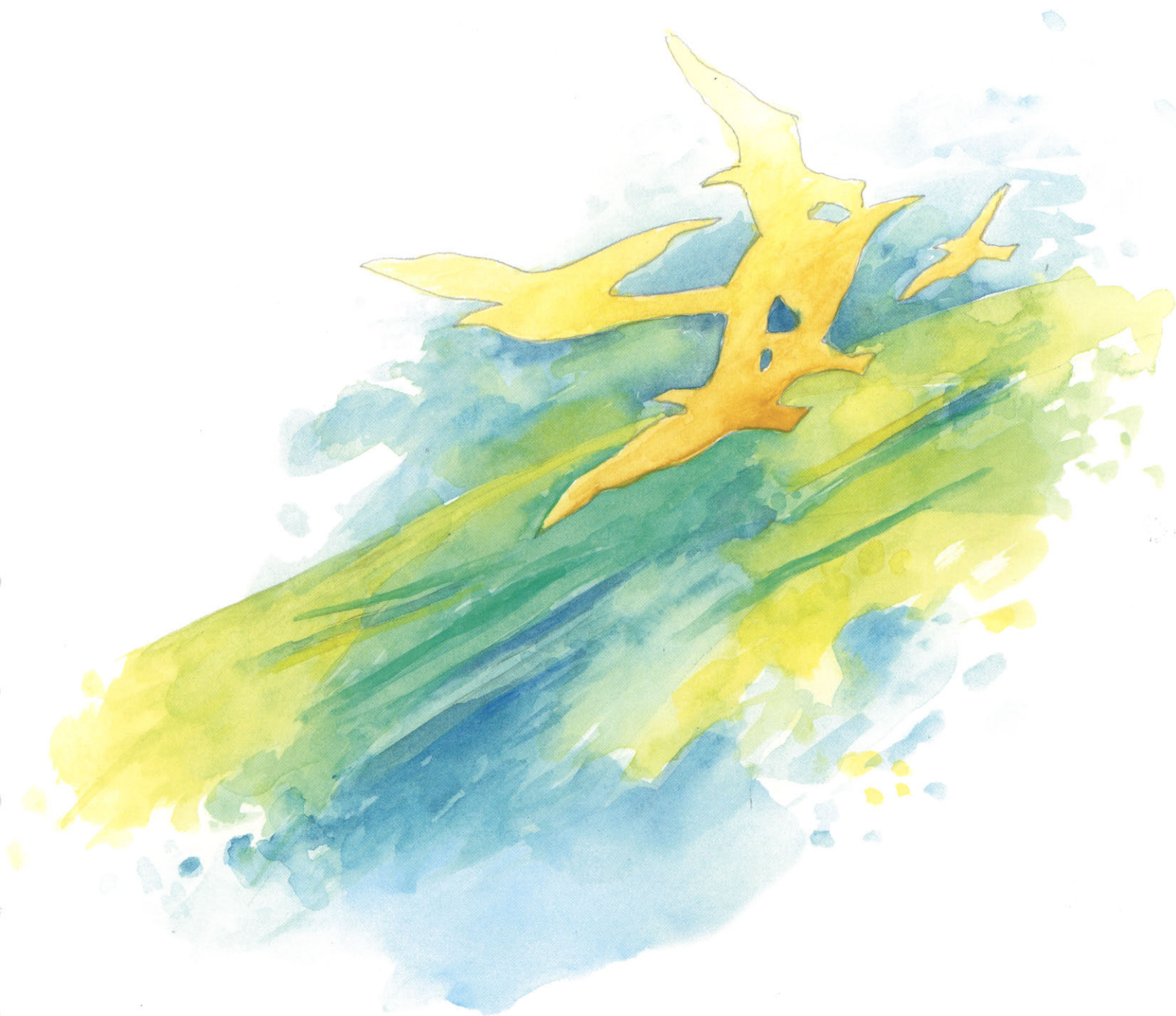
O rei de Astúrias e Leão era quase um irmão, nas veias do nobre casal corria sangue real.

Mas o século X era um tempo de muita fome, peste e guerra.

Muita guerra.

Só guerra...

Tomar conta de terras e gentes exigia grandes trabalhos e muitos temores...





Do Norte, por mar, chegavam os normandos, os vikings, com terríveis tatuagens, soltando gritos aterradores. Vinham em barcos bem construídos e velozes. Assaltavam a costa. Subiam os rios, destruindo e pilhando tudo à sua passagem.

Do Sul atacavam os mouros, querendo reconquistar as terras perdidas...

Mas, nesse dia de Fevereiro, que mais parecia Verão, a Condessa quase esquecera o terror da guerra...

No salão de armas do seu Paço torreado, dois leais e destemidos cavaleiros recebiam as suas ordens:

– Partam e cheguem ao Mondego! Comuniquem a Boa Nova ao Senhor Conde! Ele deve estar aqui na próxima Lua cheia!

– Mas, Senhora, conheceis bem os riscos de morte que nos esperam!

– A Lua cheia estará em breve nos céus...

– Partam! Partam sem demora!

– Seja feita a vossa vontade, Senhora!

– Que S. Salvador vos proteja e o traga até mim, são e salvo das espadas dos inimigos!

E só de pensar no seu breve regresso, em noite de forte luar, a formosa Condessa Ilduara suspirou de amor...

Pousou as mãos delicadas sobre o ventre... Sentiu que estremecia de alegria...

– Que milagre! – diziam as gentes do Ave, suspirando também de amor por aquele menino, anunciado por um anjo.



No dia aprazado, montando um ágil corcel, que mais parecia voar que galopar, surgiu o nobre Conde Guterre Mendes, seguido de muitos outros cavaleiros.

Rangem os gonzos do pesado portão...

Ouve-se o tinir de ferros, ruidosos relinchos e latidos no pátio.

Soam trombetas... Rufam tambores...

Boas-vindas a quem vem a entrar!

E o rio Ave correu alegremente para o mar... Brilham como nunca as suas águas...

É noite de Lua cheia...

Noite de amor no Paço, banhado por terno luar ...

Poucos foram os dias que o Senhor Conde passou nas suas terras do Ave. O Condado de Coimbra precisava da sua inteligência, da força da sua espada.

Não podia descurar a luta contra os mouros. Sem o seu comando, depressa tomariam Coimbra, chegariam ao Douro...

Mas a formosa Condessa ficou plena de amor. O seu ventre abençoado crescia...

Crescia...





Nas longas ausências do Conde, a ela competia governar as terras, tomar decisões, socorrer as gentes, ampará-las.

A primeira decisão foi mandar construir uma Igreja em agradecimento a S. Miguel, perto da sua herdade de Salas.

Os meses de gravidez passaram depressa...

Tão depressa, que mal teve tempo para apreciar os secretos perfumes da Primavera...

Sentir a frescura das águas do rio no Verão...

A beleza das cores do Outono....

Para bem de todos, como por milagre, os terríveis vikings não atacaram as costas da Galiza. E o templo foi construído antes do nascimento do seu filho.

Em finais de Novembro, o Conde Guterre Mendes, sem avisos, regressou apressadamente ao seu Paço.

Presságios?

Talvez...



Numa noite de fino Crescente, junto ao Mondego, olhou as estrelas com mais atenção. Observou o movimento dos astros, a sua disposição no firmamento, o brilho extraordinário de uma estrela.

Algo de muito especial estava para acontecer...

– Tenho de ver nascer o meu filho! Ilduara precisa do meu auxílio, do meu amor... – murmurou muito emocionado.

Poucos foram os momentos de espera e ansiedade.

No dia 26 de Novembro, numa fria aurora de luz, nasceu um lindo menino a quem sua mãe deu o nome de Rosendo.

Esta notícia correu de boca em boca... chegou ao rio... ao mar...

Depois, no bico atrevido das gaivotas, que a passaram a outros pássaros, voou em todas as direcções da formosa Ibéria...

Entrou em muitas cidades, aldeias, castelos, chegou ao Paço Real.

Às terras do Ave, junto ao Monte Córdova, chegaram nobres cavaleiros ricamente trajados. Trouxeram valiosas ofertas, até presentes reais.

Outros, muitos outros, de pé descalço, cobertos de farrapos, a quem o portão se abriu de par em par, em vez de darem presentes, receberam avultadas esmolas.

Para muitos servos da vasta herdade de Salas, tinha chegado o momento de serem homens livres em honra do nascimento daquele abençoado menino, recebendo boas terras para cultivar.

